

Código genético de Díli



Forte de Díli, 1834.

A actual capital de Timor Lorosae era, no século XVI, uma pequena aldeia, estabelecida entre os pântanos férteis e um mar rico em peixe, onde viviam os naturais em casas feitas de palapa. Talvez semelhante a muitas aldeias que ainda hoje povoam o país, ali se instalaram alguns portugueses a comerciar e fazer a sua vida, na sequência das missões dos dominicanos, que tentavam expandir a religião católica nessas paragens. Díli só começou a ganhar alguma importância nos finais do século XVIII, quando foram construídas, nessa estreita faixa de terreno à beira-mar, a primeira igreja, uma fortaleza incipiente, e outras casas da administração

portuguesa frente ao ancoradouro, em volta do terreiro de descarga dos navios. Este espaço público consolidou-se, à medida que o aglomerado se desenvolvia à sua volta, transformando-se em praça principal, berço da cidade, onde hoje se situa a sede do governo de Timor Lorosae. As casas em seu redor, de frágil construção, foram feitas, refeitas, desde a fase inicial de instalação da cidade, há mais de 200 anos, mudadas de localização diversas vezes, e transformadas em edifícios de alvenaria ou de estrutura de betão armado ao longo dos séculos XIX e XX. Por volta de 1870, no lado nascente da praça, a fortaleza deu lugar ao Quartel de Infanta-

ria. Chegou aos nossos dias em mau estado, devido ao incêndio de 1999, depois de uma vida atribulada, tendo sobrevivido às enormes destruições em Díli na fase final da II Guerra Mundial. É um edifício de arquitectura neoclássica, muito sóbrio e de grande dignidade. Feito em alvenaria de pedra muito diversa, rebocada com argamassa de cal e areia, é decorado com frisos e nervuras feitos em tijolo cozido, também revestidos com argamassa. Nas suas paredes há elementos em calcário, basalto, xisto e coral das mais variadas formas e dimensões. Essa grande profusão, uma espécie de "tout venant" levou-nos a concluir que as suas paredes foram construídas com a pedra da primitiva fortaleza, em alvenaria de pedra seca, construído ainda no século XVIII, e remodelado no século XIX. As fundações do quartel foram justapostas à segunda versão da fortaleza com mão de mestre, para que o esforço de construção fosse muito reduzido. Os percursos de transporte da pedra eram mínimos, porque a pedra desmontada na fortaleza podia ser reaplicada de imediato nas paredes do novo quartel.

Nesse edifício emblemático, o mais antigo de Díli está a nascer o Centro Cultural, o Uma Fukun, com financiamento do Banco Mundial, supervisão da UNESCO e projecto, oferecido pelo Governo Português, executado por uma equipa do GERTIL. A sua história está cheia de simbolismo e a localização é excepcional, junto do terreiro à volta do qual




nasceu a cidade. A evolução deste espaço público pode ser reconstituída passo a passo, devido aos desenhos existentes nos arquivos portugueses. O mais fascinante neste estudo reside no facto da dimensão e forma desta praça ter servido de matriz à cidade. Ela determinou o alinhamento das ruas e a dimensão dos quarteirões, na grande remodelação que foi feita por volta de 1840, consolidando o aglomerado que tinha começado a desenvolver-se 100 anos antes da construção do edifício onde hoje está a ser instalado o centro cultural.

Por não ter condições de defesa em Lifau, antiga capital na zona ocidental da ilha, o Governador António Telles de Menezes "tomou a desesperada resolução de abandonar a Praça" em 1769 e mudar a capital para Vemasse, na zona Leste, onde os chefes locais eram mais favoráveis aos portugueses. Aproveitando a presença do navio de Simão Vicente Rosa e ainda com o apoio de 18 pequenos barcos de que pôde dispor, fez-se ao mar em 11 de Agosto, depois de ter embarcado a artilharia e destruído parcialmente a fortaleza. Rumando a nascente, na direcção da província dos Bellos, fez-se acompanhar pela população de Lifau, cerca de 1200 pessoas. Depois de uma paragem em Batugadé, assentou ferro na baía de Díli a 10 de Outubro, em frente do pequeno aldeamento. Este fundeadouro nunca tinha atraído especialmente os portugueses. Devido às condições geográficas, o Governador tomou a decisão



Trabalhos no edifício do Uma Fukun.

de ali estabelecer a nova capital. Pesavam as razões militares. A extrema debilidade dos portugueses só podia ser compensada com a escolha de um local defensável com uma força diminuta. Dispunha de muito poucos homens em condições de pegar em armas, europeus não seriam mais de 20. Era difícil encontrar sítio mais favorável. A cintura pantanosa a sul, formando um arco tangente ao sopé das montanhas que cercam Díli, protegia integralmente a frente terrestre. Os recifes de coral a meio, e de um e outro lado da baía formavam dois estreitos canais de acesso ao ancoradouro, que limitavam drasticamente a capacidade de manobra e aproximação dos navios inimigos, tornando muito fácil a defesa marítima. Os canhões dos navios holandeses não tinham alcance para bater a povoação a partir do exterior da baía, para lá dos recifes. Entrar nos canais de navegação era arriscado, porque com dois ou três canhões podia alvejar-se facilmente a partir de terra quem se aventurasse. Foi edificada uma primeira fortaleza logo em

1769, a que se seguiu a construção de outras instalações. Essa primeira cidade no dizer de Afonso de Castro era "uma povoação edificada sem plano nem método, tendo em vez de ruas, veredas tortuosas abertas por entre um espesso palmar que sombreava inteiramente a povoação, não deixando circular o ar livremente. O terreno adjacente era baixo e alagadiço e os caminhos que conduziam às montanhas eram intransitáveis em tempo de chuvas". O primeiro desenho que se conhece de Díli, nessa primeira configuração da cidade, é a Perspectiva do Porto de Díli desenhada em 1834 pelo 1º Tenente Botelho da Armada Real. Pode ver-se em perspectiva rodeando a baía, a Fortaleza chamada Tranqueira, e próximo dela a Igreja Paroquial da Praça no topo Sul do terreiro de descarga do navio. A nascente deste espaço vê-se uma enorme árvore de Gondão, a que era costume amarrarem os navios. Do lado oposto ficava a Alfândega e a Feitoria do Navio da Viagem que fazia a ligação com Macau. Na direcção de Motael, onde já existia a Igreja na sua configuração inicial, vê-se o Quartel do Batalhão e a casa da Famigerada D. Esperança. O desenho é fascinante e é o mais importante documento que conhecemos para compreender como a cidade nasceu, condicionada pela Geografia Militar. 

FRANCISCO SOUSA LOBO, Engenheiro Militar e Presidente da APAC .